



Apresentação

Este volume da *Revista Igarapé* traz artigos que traçam os caminhos interpretativos presente, sobretudo, nos Estudos Culturais e na crítica pós-colonial/descolonial. O conjunto de texto que ora apresentamos tomam como *corpus* de análise produções literárias e culturais ou questionamentos crítico-teóricos que enfrentam as narrativas geradas por centros hegemônicos de poder, provocando uma reflexão assumidamente descentralizada e resistente.

Abrindo o conjunto de artigos que compõe este volume, Francilene Virgolino de Azevedo e Helio Rocha retomam o início da colonização na Amazônia em “O imaginário sobre a Amazônia na obra *A descoberta do Grande, Belo e Rico Império da Guiana*”, ao estudar a presença do maravilhoso no relato de viagem realizada por Walter Raleigh em busca da lendária cidade dourada de Manoa, atual Guiana, no século XVI. Segundo os autores, a análise do relato de Walter Raleigh revela um emaranhado composto por representações culturais medievais acrescidas das recentes notícias que circulavam sobre a localização do El dorado na região, o que acrescenta diversos matizes ao seu discurso.

Segue-lhe Josiclei de Souza Santos, com “Literatura da Amazônia, tensões entre o nacional e o transnacional”, que nos remete ao campo dos estudos da literatura comparada para indagar sobre o lugar das produções amazônicas no sistema literário brasileiro, a qual tende a delimitá-la como regionalista em relação a uma construção canônica nacional. Nesse debate, Santos procura evidenciar a necessidade de uma revisão questionadora dos postulados da História literária que dão sustentação a um discurso linear e centralizado dos fatos estéticos presentes na literatura.

Por seu turno, “Protestantismo e imperialismo no chaco paraguaio: uma constatação a partir da leitura sobre o relato do missionário Wilfred Barbrooke Grubb”, assinado por Josué Passos de Melo, procura analisar criticamente três conceitos – História, imperialismo e protestantismo – por meio dos estudos dos historiadores Bloch (2001), Michel De Certeau (2010), Hobsbawm (1988) e Said (1995), além dos teólogos Alves (1982) e Biéler (1999). Segundo seu autor, a discussão desses conceitos permite constatar as estratégias de colonização das mentes, que subsidiaram a apropriação das nações indígenas no Chaco paraguaio pelos projetos imperialistas europeus.

Ariane de Andrade da Silva, em “Corpo-fala-falatório: a poética de Stella do

Patrocínio”, analisa o trabalho poético da carioca Stella do Patrocínio, organizado por Viviane Mosé em *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* (2001), a partir das gravações de suas falas em fitas cassetes, realizadas na década de 1980 pelo projeto Pavilhão das Mulheres, enquanto esteve mantida em uma instituição manicomial. O artigo lança mão de algumas indagações sobre as vivências e percepções poéticas de um corpo-mulher-negra aprisionado, tendo como suporte teórico pressupostos que versam sobre a descolonização de conhecimentos, de Kilomba (2019), o conceito de desobediência epistêmica, de Mignolo (2008), e o conceito de escrevivência, de Evaristo (2020).

Em seguida, no quinto artigo, Querla Mota dos Santos, Cláudia Regina Mota dos Santos e Alex Santana Costa, em “Racismo estrutural no conto ‘Maria’, de Conceição Evaristo”, tomam como tema da discussão a relação entre o racismo e a construção do percurso da personagem. O que é posto em análise é o modo como a protagonista Maria articula-se à representação do racismo estruturado socialmente no Brasil desde a colonização.

Também em “Seu nome rimava com hakuna matata’: um estudo sobre o conto ‘No seu pescoço’ de Chimamanda Ngozi Adichie”, pelo olhar crítico de Francielle Maria Modesto Mendes, são analisadas as representações culturais nigeriadas na composição da personagem ficcional Akunna e os discursos racistas que permeiam sua trajetória amorosa.

Ronelson Campelo Silva e Andréa Moraes da Costa no sétimo artigo, “Estrangeirização e domesticação: uma análise da tradução de ‘A Real Durwan’, de Jhumpa Lahiri, para a língua portuguesa”, com enfoque nos Estudos Culturais e Estudos da Tradução, analisam as estratégias de tradução dos marcadores culturais empregadas pelo tradutor em um conto da escritora americana, de origem indiana, Jhumpa Lahiri.

No oitavo artigo “Sentidos e silenciamentos discursivos na narrativa verbal da canção ‘João Seringueiro’”, Raildo Brito Barbosa analisa as múltiplas vozes e os silenciamentos que atravessam o discurso na letra da canção “João seringueiro”, apresentada no Festival Acreano de Música Popular – FAMP em 1988. Conforme destacam os autores, tais vozes são oriundas de práticas sociais, apostas políticas e jogos de poder.

Em “O protagonismo feminino em *Feeding the Ghosts* (1997), de Fred D’Aguiar: a heroína moderna escravizada”, Elis Regina Fernandes Alves analisa a heroína romanesca Mintah a partir da problematização do herói presente no gênero romance histórico, demonstrando seu confronto e inconformidade com a ordem escravocrata.

O presente volume completa-se com duas resenhas. A primeira é assinada por Luciele



Santos Pantoja sobre o livro, *Até parece que foi ontem: memórias, educação, descolonização*, de autoria de Miguel Nenevé, publicado em 2021, pela editora Temática. A segunda é de autoria de Gisele G.Wolkoff e Solange Viaro Padilha as quais resenham o livro de ensaio *O trauma cultural: ressonâncias literárias irlandesas*, de Laura P.Z. Izarra. Conforme palavras das resenhistas: “Com grande versatilidade, a autora parte de diferentes gêneros narrativos para sua aprofundada leitura acerca do trauma cultural: um poema [“Los niños mártires de La Vitícola”, de Santiago Boland], um diário [*Diário da Amazônia de Roger Casement*, organizado por Laura P. Z. Izarra e Mariana Bolfarine] e alguns monólogos”.

Ao terminar, agradecemos aos autores que possibilitaram a composição deste dossiê e, com entusiasmo, convidamos aos leitores a (com)partilhar das leituras aqui apresentadas.

As Organizadoras
Andréa Moraes da Costa
Gracielle Marques